



Masculinidade/s: considerações a partir da leitura crítica de alguns textos que focalizam homens

Maria de Fátima Paz ALVES¹

RESUMO

A partir da leitura de alguns textos que abordam a masculinidade, discuto noções e temáticas recorrentes, fazendo questionamentos e ponderações sobre possíveis omissões e inconsistências. Início discutindo algumas das classificações destes estudos, destacando em seguida idéias centrais presentes nos mesmos. Reflito sobre a construção da masculinidade vista como uma experiência de sofrimento e sobre a forma como se concebe o feminino e sua relação (ou falta desta) com o masculino nestes estudos. Por fim, discuto as noções de homofobia e hegemonia na perspectiva dos estudos de masculinidade, acenando para a possibilidade de outras abordagens analíticas em relação a estes estudos.

PALAVRAS CHAVE: Gênero, masculinidade, crítica, novas possibilidades analíticas.

INTRODUÇÃO

Nos anos 90 verificou-se um crescimento da produção científica que trata da construção e vivência da masculinidade tanto nos países desenvolvidos como nos países subdesenvolvidos. No Brasil, temáticas relacionadas à questão da mulher haviam se tornado objeto de discussão e análise a partir dos anos 70, sob influência do movimento feminista e suas reivindicações sobre os direitos sociais e econômicos das mulheres.

A perspectiva de gênero, adotada a partir dos anos 80, vai conduzir a uma compreensão da condição das mulheres como entrelaçada de diversas formas com a condição do “ser homem”, considerando que homens e mulheres encontram-se nos diversos universos sociais, estabelecendo relações assimétricas, constituídas segundo representações sociais coletivas compartilhadas e perpetuadas por ambos nestes espaços. Estas relações de gênero assumem diferentes contornos em culturas diversas, havendo um vínculo estreito entre a forma como são elaboradas e vivenciadas e as diversas inserções de classe, raça e

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
email: fatimapalves@hotmail.com

etnia (SCOTT, 1993; CASTRO & LAVINAS, 1992, SAFFIOTTI, 1992, FONSÊCA, 1996).

Os estudos de gênero, apesar da abrangência analítica trazida pelo conceito, durante muito tempo focalizaram quase que exclusivamente as mulheres, nem sempre numa perspectiva relacional. Em muitos casos os homens eram pensados a partir de suas relações de poder e hierarquia na sociedade, principalmente em relação às mulheres, sem serem tomados como objetos específicos de estudo.

Se é possível afirmar que durante séculos quase tudo que foi publicado representava a ótica masculina do mundo, é legítimo se dizer também que pouco se refletiu sobre estes ou mesmo eles se pensaram em função das relações estabelecidas com as mulheres, com outros homens ou do que significaria ser homem ou mesmo sobre a construção do masculino, em geral tido como natural. Não é, portanto, sem razão que os estudos sobre homens representaram um verdadeiro *boom* e num determinado momento dos anos 90 passaram a ganhar destaque no contexto brasileiro, abrindo espaço para vários autores e instigando diversos pesquisadores a se aprofundarem ou adentrarem por este universo.

Muitos, embora nem todos (ou nem todos que se dizem “pró-feministas”) desses estudos apóiam-se na crítica feminista, incorporando-se aos estudos de gênero e detém-se nas formas e nos significados do ser homem em diferentes contextos sociais. Há aspectos relativos a eles, entretanto, passíveis de questionamento e crítica, alguns dos quais serão objeto de reflexão neste artigo.

1.OS ESTUDOS SOBRE HOMENS: ABRANGÊNCIA, INTERESSES E DISTINÇÕES

Embora os estudos que tem como objeto o masculino apresentem uma tradição já consolidada na Europa e nos Estados Unidos, onde desde a década de 70 podem ser registrados, só a partir dos anos 80 se intensificaram na América latina. No Brasil passaram a representar um campo de pesquisa e ação, por sinal apresentando um certo *boom*, a partir dos anos 90, mantendo-se ainda que com menor efervescência neste início de século..

Segundo VALDÉZ & OIAVARRIA (1997), este campo de estudo abrange várias temáticas. Alguns estudos tratam das múltiplas identidades masculinas, outros das práticas dos homens nas relações de gênero e seus impactos, por exemplo, em relação à saúde reprodutiva e violência doméstica e sexual. Muitos dos estudos ainda propõem mudanças nos modelos tradicionais e em suas práticas, movidos pela idéia de que esses provocam dor, insatisfação e frustração nos homens.

O surgimento e eclosão desses estudos segundo vários autores mantém em grande medida relação com a modificação do lugar da mulher nas sociedades ocidentais, que provocaria um questionamento de padrões tradicionais de masculinidade. Está de modo mais ou menos explícito em sua maioria, a idéia de que há uma crise que envolve a vida pessoal dos homens em função dos papéis que desempenham, como querem alguns autores, ou mais direcionada à própria estrutura do modelo patriarcal, constantemente questionado, como querem outros².

²A disseminação da AIDS e seus vínculos com a sexualidade têm demonstrado a necessidade de maiores investigações que levem em consideração a perspectiva de gênero na compreensão das vivências e

Verifica-se também na formulação de políticas relacionadas com a relação à saúde reprodutiva, sexualidade, população e violência, o reconhecimento da necessidade de participação dos homens na perspectiva de uma equidade de gênero, como um elemento que pode conduzir a sua maior eficácia³, daí, portanto, a necessidade de melhor conhecê-los.

Há várias correntes dentre aquelas que estudam a masculinidade. Destacarei aqui algumas das classificações citadas por alguns dos estudiosos consultados, procurando na medida do possível, apreender o sentido e a utilidade destas na compreensão deste campo de estudo. VALDÉS & OLAVARRIA (1997) distinguem seis perspectivas principais nos estudos sobre masculinidade: 1) a perspectiva conservadora, que considera natural que os homens sejam provedores e protetores de mulheres, social e politicamente dominantes, o que corresponderia a uma manifestação da natureza e de seu papel civilizador; 2) a perspectiva pró-feminista, que destaca que a masculinidade tem sido criada através do privilégio dos homens sobre as mulheres, concebendo de forma crítica a dominação masculina; 3) a perspectiva dos *men's rights* que postula que os papéis masculinos são altamente daninhos e que os homens são vítimas deles; 4) a perspectiva espiritual que através do movimento mito-poético entende que o masculino deriva de padrões inconscientes profundos revelados através de lendas, mitos e rituais, que devem ser atualizados; 5) a perspectiva socialista, que vê a masculinidade sempre associada aos tipos de trabalho e controle de trabalho de outros; 6) a perspectiva de grupos específicos, que discute a idéia do masculino universal, enfatizando a diversidade de experiências que abarca não só os homens brancos, mas também os negros e grupos étnicos específicos, heterossexuais e homossexuais. Para os autores, que se alinham numa perspectiva mais próxima do feminismo e dos estudos de gênero, cada uma das perspectivas tem como objetivo descrever e explicar a realidade masculina, definindo uma postura frente ao feminismo e formulando uma agenda de transformações.

Esta classificação serve para dar uma idéia da diversidade e amplitude dos textos passíveis de encontrar na literatura específica sobre masculinidade. Eles apresentam distintos objetivos que nem sempre mantêm relação com uma perspectiva crítica ou mesmo científica (assim como também como ocorre com a literatura sobre mulheres, talvez menos legitimada). Muitos deles conforme podemos constatar, tem como objetivo justificar ou mesmo cultivar um masculino tradicional ou buscam reaver a posse de um terreno perdido.

CONNEL (1997) distingue quatro enfoques nos estudos da masculinidade. São eles: o enfoque essencialista, que procura definir uma base universal para a masculinidade. A essência em geral é bastante arbitrária, o que para o autor diz mais do *ethos* de quem a define do que do que se pretende investigar. O enfoque da ciência social positiva, que tem por base a descrição dos padrões de vida dos homens, definindo a masculinidade pelo que os homens “realmente são”. Uma das principais dificuldades deste modelo, para o autor, seria a idéia de objetividade e neutralidade, que omite, embora traga subjacente pressupostos sobre feminilidade e masculinidade. Um terceiro enfoque seria o das

representações em relação a mesma por homens e mulheres, conduzindo Também ao aumento do número de estudos sobre homens.

³Focalizando alguns desses aspectos, destaco, entre outros, os textos de ARILHA, M. Homens, entre a zoeira e a responsabilidade. In: *Homens e masculinidades*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1998. p.51-78 e de LEAL, O. F. e BOFF, A. M. Insultos, queixas, sedução e sexualidade fragmentos da identidade masculina em uma perspectiva relacional In: Parker, R. e Barbosa, R. (org.) *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro, Relumê Dumará, 1996, p119-135.

definições normativas que vêm a masculinidade a partir do modelo de como os homens deveriam ser. Neste sentido destaca-se a teoria dos papéis sexuais que trata a masculinidade como uma norma social para a conduta dos homens. Para CONNELL, os estudos que trabalham nesta perspectiva costumam estabelecer correlação com a perspectiva essencialista e tem dificuldade de aprofundar uma discussão sobre identidade e desempenho real. Por último os enfoques semi-óticos que abandonam o nível a personalidade e definem a masculinidade mediante um sistema de diferença simbólica em que se contrastam o feminino e o masculino. Embora reconheça que esta última perspectiva representa um avanço em relação às demais, vê limitações na mesma, uma vez que não apresenta uma visão mais abrangente dos elementos que se conectam num sistema de relações de gênero.

A classificação forjada por CONNELL restringe mais as abordagens e dá a entender que há uma imbricação de conceitos oriundos de abordagens distintas, das quais se apropriam alguns autores para explicar a realidade, dando margem a certa confusão. O autor pretende com a sua própria abordagem apresentar uma alternativa viável para o entendimento do que significa ser e viver como homem, aliando-se também a uma perspectiva pró-feminista.

OLIVEIRA (1998), por sua vez, classifica os estudos sobre masculinidade em duas categorias: uma que apresenta um discurso vitimário, embasado na psicologia, recorrendo a vulgata marxista e a teoria dos papéis para a explicação de uma condição masculina. Nesta perspectiva a masculinidade é tida como sujeita a um conjunto de fatores sociais e psíquicos que em geral resultam em sofrimento, solidão e angústia. Uma outra abordagem seria representada pelo discurso crítico, que aborda a dinâmica das relações e a estrutura de poder que as fundamenta. Nesta leitura da realidade, conectada com a literatura feminista, se reconhece que os homens continuam a se beneficiar da opressão das mulheres. Sua dominação, contudo se vê ameaçada pelos desafios feministas aos seus poderes e privilégios. Para ele, recorrendo a MESSNER (1993), os elementos que servem de argumentos para uma vitimização masculina tais como: limitação do desenvolvimento emocional, saúde precária e expectativa de vida menor do que as mulheres devem ser vistos como “custos de se estar no topo”.

Este autor, que claramente defende o “discurso crítico”, vê no que denomina de vitimário, uma espécie de naturalização da dominação, através da inversão de uma relação principalmente via psicologização e/ou utilização de uma explicação funcionalista. Esta perspectiva talvez por reduzir a uma caracterização dual deixe a desejar em relação à apreciação de alguns estudos, sugerindo que a abordagem psicológica (ou “psicologização” na visão do autor) necessariamente preste um desserviço a uma reflexão crítica ou mesmo a transformação de relações opressivas. Assim sendo, parece não reconhecer a possibilidade de existirem análises que tentem fazer uma ponte entre o psíquico e o social e que não incorram nos “erros” que denuncia.

Cito ainda uma última classificação enunciada por ARILHA, RIDENTI & MEDRADO (1998), que distingue duas direções tomadas pelos estudos sobre masculinidade: aqueles que se configuram numa estratégia de aliança com o feminismo, reconhecendo o valor do legado feminista inclusive em relação ao conceito de gênero; e os estudos autônomos que não reconhecem a teoria ou práxis feminista e seu legado como capaz de explicar as várias nuances da feminilidade e da masculinidade. Esta classificação ainda mais simplificada parece procurar separar “o joio do trigo” (como também não deixam de fazer as demais) colocando mais diretamente que se trata de opções políticas.

A preocupação em apresentar classificações, ao que parece, visa deixar mais claro, dentro de um “boom” de estudos das mais variadas tendências, as vinculações, objetivos e interesses, ao mesmo tempo em que os/as autores/as procuram se identificar com aquele grupo que consideram ter uma visão mais crítica e acurada da temática, o que embora esclareça não deixa de gerar alguma inquietação e alguma confusão a quem se inicia nestas leituras.

Feita essa breve digressão classificatória, detenho-me a seguir na discussão de aspectos relativos à concepção de masculinidade presente em alguns textos que a tomam como objeto, destacando particularmente aqueles elementos passíveis de questionamento. Embora os argumentos encontrados nos textos sobre masculinidade consultados sejam os mais variados, encontramos neles algumas similaridades que serão objeto de discussão no próximo tópico e apresentam uma centralidade neste trabalho.

Detenho-me em textos que teorizam sobre masculinidade ou masculinidades no campo das Ciências Sociais e que são referência para vários estudos feitos no Brasil, não me atendo a uma análise da literatura sobre masculinidade que se tem produzido no Brasil, principalmente a partir dos anos 90. Faço também referência a autores que embora contribuam para este campo tem formação em áreas afins. As explanações e críticas limitam-se, portanto, ao material consultado e restringe-se aos objetivos do trabalho.

2. MASCULINIDADE... MASCULINIDADES... IDÉIAS CENTRAIS E ALGUNS QUESTIONAMENTOS

A masculinidade é compreendida nestes estudos como uma construção sociocultural e histórica, rejeitando-se que a biologia *per se* explique as diferenças entre os sexos. Para KIMEL (1997) a masculinidade é uma construção social que varia em diferentes culturas, através do tempo e entre os grupos que compõem uma sociedade. Seu significado também se modifica ao longo da vida de distintos homens.

Para CONNELL (1997) o processo histórico substitui a evolução biológica como forma de transformação e o gênero existe precisamente na medida em que a biologia não determina o social. A masculinidade está, na perspectiva desse autor, centrada nos processos e relações por meio dos quais os homens e mulheres levam vidas imbuídas em gênero.

la masculinidade, si se puede definir brevemente, es al mesmo tempo la posicion em las relaciones de gênero, y los efectos de estas prácticas en la experiencia corporal, en la personalidad y en la cultura (p.35).

Para ele o gênero é uma prática social que constantemente refere-se a corpos e ao que eles fazem, não se reduzindo, contudo, ao corpo.

Segundo VALE DE ALMEIDA (1995), para o senso comum ser homem é não ser mulher e ter um corpo que apresenta órgãos genitais masculinos. A complexidade encontra-se, para o autor, na ingenuidade de remeter para caracteres físicos do corpo uma questão de identidade pessoal e social.

Isso porque ser homem no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto

de atributos morais de comportamento socialmente sancionados e constantemente avaliados, negociados e relembrados (p.128).

Ao referir-se mais especificamente a Pardais (localidade onde realizou o seu trabalho de campo), ele destaca os requisitos culturais que são necessários para que um indivíduo seja considerado homem.

Esses requisitos não se localizam ao nível do corpo, ainda que as interpretações sejam fortemente mobilizadas para o discurso de gênero. Eles espalham-se por todos os níveis do social, desde a família e o trabalho, do prestígio ao status; da classe social à idade, passando pela linguagem verbal e gestual. (p.128).

Ler algumas dessas idéias por vezes leva a uma sensação de que muito do que estrutura estes estudos e é tomado como novidade representa uma reinvenção ou mesmo repetição de conteúdos já discutidos na literatura feminista e de gênero, que, entretanto, ganham uma nova conotação e legitimidade sob a epígrafe de “masculinidade/s” e escritos sob a pena masculina.

2.1A construção da masculinidade: uma experiência de sofrimento

Um elemento recorrente em muitos estudos é a preocupação com o modo como a masculinidade é construída. Neste sentido, o processo de socialização é focalizado, quer numa perspectiva psico-social (ou psicanalítica) quer numa perspectiva mais próxima da antropologia/sociologia. A identidade masculina pode ser vista tanto como um processo de afirmação diante de outros homens como de distanciamento da figura materna. Em ambos os sentidos (por vezes focalizados conjuntamente) se coloca como imperativo uma necessidade de comprovação.

Para NOLASCO (1993) durante sua vida um homem passará por experiências que lhe ensinarão o que significa desempenhar o papel masculino. Ao referir-se mais especificamente a infância afirma que “desde criança ele é estimulado a se afastar de suas experiências interiores, ao mesmo tempo em que é pressionado a obter o melhor desempenho no que faz (p.22)”. Este autor destaca particularmente o papel do trabalho neste processo. “Desde cedo os meninos crescem assimilando a idéia de que com o trabalho serão reconhecidos como homens (p.50).”

Para MARQUÉS (1997) o processo de socialização consiste em fomentar certas possibilidades e amputar outras no “varão”. “Reprime-se a afetividade e interesse pelo íntimo e o doméstico e se fomenta tudo o que serve para converter um sujeito em pleno e exitoso na vida social” (p.18).

Este autor destaca o papel dos pares na construção do indivíduo masculino. Após receber desde a tenra infância informações de várias ordens que lhe dizem que se encontra no lado dominante da humanidade, ele passa por um momento de insegurança na adolescência. Precisando romper com os laços que lhe prendem a infância e suas conotações femininas, encontra no grupo de pares formados igualmente por garotos inseguros a validação de sua masculinidade. O que se dá através de uma visão mais tosca e

pobre (que deverá ser revista ou reelaborada posteriormente) que desvaloriza as mulheres, cultua a força e o gosto pela transgressão.

O grupo facilita a identificação do varão (ou candidato), situando a prova da masculinidade em níveis mais acessíveis. De qualquer maneira, para o autor, a angústia é companheira cotidiana do varão na medida em que precisa provar que é tão importante quanto se afirma que é.

KIMEL (1997) destaca também a *anti-feminilidade*, desta feita vendo a construção e mesmo a vivência da masculinidade como uma fuga do feminino. Tomando como esteio a teoria psicanalítica, ele afirma que a vida de um homem é um processo permanente de tentar mostrar que não tem semelhança com a sua mãe. “A identidade masculina nasce da renúncia do feminino, o que a deixa tênue e frágil” (p.53), o que está na raiz do desprezo pelo feminino bem como da dificuldade em expressar emoções e comportamentos que possam ser tidos como femininos. Exemplificando, refere-se ao garoto brigão da escola que na verdade não passa de alguém inseguro quanto a sua virilidade. Indo mais além, atribui à raiz da insegurança masculina um desejo homoerótico latente relacionado à resolução do complexo de Édipo. Particularmente, uma dificuldade em se dissociar de uma visão do pai do ponto de vista de sua mãe. Para ele: “O que chamamos de masculinidade é uma vala que nos protege de sermos descobertos como uma fraude, um conjunto exagerado de atividades que impede que nos vejamos dentro de nós...” (p. 58).

WELZER-LANG (2001) também apresenta semelhante visão, ainda que trilhe um caminho mais próximo das Ciências Sociais. Ele destaca o papel do sofrimento na construção da masculinidade, bem como, a necessidade de negação do feminino neste contexto.

Aprender a jogar hokey, futebol ou baseball, é inicialmente uma maneira de dizer: eu quero ser como os outros rapazes. Eu quero ser um homem e logo eu quero me distinguir do seu oposto (ser mulher). Eu quero me dissociar do mundo das mulheres e das crianças (p.463).

OLIVEIRA (1998, 2000) faz uma crítica dessas abordagens que se fundam numa psicologização e/ou recorrem a uma perspectiva funcionalista, vendo-as como limitadas. Para ele, com o que em princípio concordo, elas conduzem a uma espécie de vitimização, isentando-se os homens de responsabilidades com a transformação das estruturas vigentes. Os discursos “vitimários”, segundo o autor, parecem “querer desafogar-se dos fardos da masculinidade sem abrir mão dos privilégios (p.111)”.

A idéia de crise subjacente a muitas dessas perspectivas também é alvo de crítica deste autor. Baseado em análises que levam em conta distintas categorias de homens em função de sua posição de classe no contexto brasileiro, ele indaga se a “crise” a que se referem alguns autores não estaria relacionada principalmente aos homens de classe média. Neste caso, ela resultaria do questionamento das fontes de prestígio e poder pelas mulheres, considerando ainda que como preço da posição desses homens se exigiria um maior “decoro” (restrições comportamentais maiores) não cobrado dos homens das classes populares⁴. Nesta perspectiva, ele considera que os homens das classes populares se encontrariam em sintonia com os modelos tradicionais de masculinidade.

⁴ Outros estudos sobre o contexto brasileiro observam algo semelhante em distintos contextos e a partir de perspectivas diferentes. Ver SARTI, 2003 ; PORTELA E NASCIMENTO, 2000 ; ALVES, 2003, SALÉM, 2004, entre outros.

Almeida (2001) também questiona se esta crise de que falam os estudos pode ser aplicada ao contexto brasileiro. Estes autores, conforme se pode observar, levantam questões que abrem para uma abordagem mais crítica por parte dos estudos sobre masculinidade em relação ao seu objeto. Retornarei a uma análise de suas posições adiante. Antes retomo ainda a discussão sobre a forma como tem se concebido a masculinidade ou as masculinidades.

2.2 A/s masculinidade/s e o “desprezo” pelo feminino

Um aspecto que se destaca em vários estudos é a perspectiva de um masculino tão englobante e incorporador diante do qual o feminino quase que inexistente. A leitura de alguns textos dá a impressão que se deixou de lado o caráter relacional do gênero, não se levando em conta que assimetria não significa anulação do outro nem ausência de relações de poder e conflito entre os sexos. Alguns deles inclusive passam uma impressão de que se vive num mundo de homens – a noção de homosociabilidade enfatizada por alguns autores parece favorecer isso -, que as relações que importam, fazem diferença se dão quase que exclusivamente entre homens.

VALE DE ALMEIDA (1995), por exemplo, que fez uma pesquisa de campo numa aldeia portuguesa da região de Alentejo (Portugal), e por sua condição de homem conviveu basicamente com homens em espaços de lazer (e talvez por isso) tende a enfatizar a importância da relação entre homens e colocar a mulher como uma figura secundária, ausente, restrita a lugares e relações entre elas próprias que pouco se conectam com as vivências masculinas. Para ele: “cozinha, igreja e crianças” (como no ideário nazista por ele lembrado) “é aquilo a que as mulheres de Pardais estão voltadas” (p.221). Elas aparecem na visão masculina, principalmente através da temática da “predação sexual” e “coisificação” ou como mais um elemento que favorece/normatiza a construção e vivência do masculino⁵.

Para MARQUÉS, como o masculino abrange uma gama ampla de qualidades sempre é possível se identificar com uma delas. Inteligência, força, rebeldia, transgressão, equilíbrio emocional, racionalidade entre outras podem ser associados a uma masculinidade “normal”. Esse discurso mais relacionado com a idéia de masculinidade no singular parece se confrontar neste mesmo autor com a idéia de que os homens são sufocados por modelos idealizados de masculinidade.

Para ele, ainda, dada a pouca importância das mulheres, a proposta patriarcal é que os homens pratiquem uma espécie de “homossexualidade”. O varão que internaliza plenamente a mensagem patriarcal se relaciona preferencialmente só com homens. As mulheres só lhes serviriam para obter serviços domésticos, sexuais ou de consolo e como forma indireta de relacionar-se com homens mediante sua posse e ostentação. Nesta perspectiva, pasmem, as mulheres desempenhariam um papel de prótese do varão, suplementando-o, ainda que de modo discreto ou invisível, de modo que ele possa cumprir

⁵ Esta lacuna não invalida a importância deste trabalho em relação aos os diversos aspectos que aborda.

a contento as prerrogativas do “varonato”. Observa-se nesta descrição a predominância de uma noção de passividade das mulheres; que não tem participação “ativa” na definição/comprovação ou vivência da masculinidade.

Parece ser característico de muitos dos estudos sobre masculinidade a ênfase na relação entre os homens e seu significado, sem procurar se estabelecer uma conexão com o feminino, naturalizado como subordinado e isolado do masculino. Paralelamente em muitos estudos que focalizam as mulheres (sem que isto represente necessariamente a melhor abordagem da questão) verifica-se uma tendência a vê-las como um coletivo em relação com outro ao qual são subordinadas.

Embora a visão que vários estudos sobre masculinidade/s apresentam sobre o feminino e as relações de gênero possa até certo ponto se justificar pela posição diferente e desigual de homens e mulheres na sociedade, o que demandaria em princípio formas distintas de análise, deixa a desejar do ponto de vista da construção de um projeto científico e muito menos político - visando a transformação dessas relações - o que alguns afirmam pretender. Pois se é verdade que em alguns grupos e culturas se observa uma separação relativamente rígida dos atributos/símbolos/valores alocados à feminilidade e à masculinidade, não se conhece sociedades nas quais homens e mulheres não interajam ou onde todos/as sigam a norma exatamente como no ideal prescrito. Há, portanto, que se problematizar a conexão que existe entre os distintos contextos e situações de uma dada realidade, sob pena de se projetar algo que não existe ou mesmo apresentar uma visão “estática”, de falsa harmonia, que pouco contribui para uma compreensão da realidade ou simplesmente a engessa. Mais adiante ao discutir a noção de masculinidade hegemônica, voltarei a esta questão.

2.3 Masculinidades: refletindo sobre Homofobia, hegemonia e correlatos

Traçada a oposição com o feminino (um feminino em geral bastante fraco), alguns autores mais que outros vão explorar a idéia de que há uma pluralidade de masculinidades. A masculinidade homossexual é comumente vista como o modelo mais desvalorizado de masculinidade, que se aproximaria da feminilidade, destacando-se de modo correlato a idéia de homofobia, que aparece com maior ou menor importância, a depender do autor. Esta noção é central na abordagem de KIMEL. Para ele a homofobia seria um esforço para reprimir um desejo homoerótico em relação à figura paterna. “la huida homofóbica de la intimidad con otros hombres es el repudio al homossexual que está dentro de si” (p.56)...

WELZER-LANG também destaca essa noção em seu enfoque da masculinidade, sem, contudo, apelar para uma explicação psicanalítica. Para este autor, a homofobia é “a discriminação contra as pessoas que mostram ou a quem se atribui algumas qualidades ou defeitos atribuídos ao outro gênero”. Segundo ele, ela engessa as fronteiras do gênero. A dominação masculina produz homofobia para que com ameaças os homens se enquadrem nos esquemas ditos normais de virilidade.

É Connel quem parece aprofundar mais a discussão em torno da idéia de uma pluralidade de masculinidades (sendo referência para as análises de vários autores). Este autor situa-se de modo mais claro num marco sócio-antropológico, tentando demonstrar sintonia com o legado feminista e a teoria de gênero. Para ele não basta reconhecer que

existem vários tipos de masculinidade, o mais importante é procurar compreender o significado das relações entre elas.

Ele parte do termo hegemonia, derivado da análise de Gramsci sobre as relações sociais de classe, na definição de masculinidade hegemônica, atribuindo-lhe um caráter passível de transformação, visto que se apresenta como um modelo disputável entre segmentos distintos de homens. Essa expressão dominante do masculino busca resolver o problema de legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. O modelo de masculinidade hegemônica permite a existência e aceitação de exclusão política e cultural, abuso cultural, violência legal, violência, discriminação econômica e boicotes pessoais.

Para ele, a hegemonia só se estabelece se há alguma correspondência entre o ideal cultural e o poder institucional coletivo. Por isso refere-se às relações de subordinação, cumplicidade e marginalização entre homens. Considerando o grupo de homens, a masculinidade homossexual representaria o status mais baixo dentro de uma hierarquia de gênero, mas não a única. Embora o número de homens que rigorosamente pratica os padrões hegemônicos em sua totalidade seja bastante reduzido, um grande número tem alguma conexão com o projeto hegemônico – de cumplicidade – mas não encarna a masculinidade hegemônica.

Para além das inter-relações dentro da esfera do gênero, a autor considera necessária uma articulação com a condição de raça e classe que criam relações mais amplas entre as masculinidades. Para ele é fundamental tratar a questão dos ganhos que os homens obtêm com o sistema patriarcal, sob a forma de honra, prestígio e um dividendo material. Ele considera, ao que parece, fazendo uma crítica a outros estudos, que como a questão de gênero é uma questão de iniquidade, não é possível se preocupar só em investigar a vida pessoal e a identidade; a preocupação maior deve ser com a justiça social.

ALMEIDA (2001) reportando-se a perspectiva analítica de CONNELL tece algumas críticas, que aqui destacaremos sucintamente. Para esta autora a retirada do conceito de hegemonia de uma perspectiva marxista de antemão já o limita em relação ao estudo de aspectos relacionados ao gênero. O viés marxista presente no conceito transforma num problema o caráter relacional entre os gêneros, no mínimo amenizando a assimetria relacional e radical entre homens e mulheres, diluídas nas muitas e variadas posições políticas e culturais que ancoram lugares distintos para configurações de classes diferentes para as masculinidades.

Por sua vez, segundo a autora, é muito difícil se postular subordinação ou marginalização para as masculinidades, pois estas ainda continuam sendo dominantes em relação às mulheres situadas em diversas posições. Ela questiona também o porquê da postulação do conceito de hegemonia quando já existe uma construção histórico-conceitual consistente sobre o conceito de patriarcado dentro da teoria feminista e de gênero.

A autora conclui que o conceito de hegemonia acrescenta muito pouco, não representando um avanço substantivo já que as diferenças de que trata não representam uma especificidade da masculinidade, encontrando-se de modo semelhante nas relações entre as mulheres. Ele pode, segundo ela, ter certa utilidade na compreensão de relações de poder nas definições de masculinidade, sem dar margem para uma compreensão adequada de outras dimensões.

Ela acena para uma perspectiva que dê conta das variadas dinâmicas existentes, da mobilidade das relações. Para ela, o conceito de masculinidades sexistas, patriarcais ou tradicionais incorporam os domínios da masculinidade em contexto já amplamente

analisados e discutidos de dominação e hegemonia masculina, patriarcal e patrimonial. Mas estas relações podem e têm sido redefinidas, questionadas e transformadas. Por não serem estáticas nem permanentes elas demandam perspectivas analíticas capazes de dar conta dos diversos nuances que configura. Sobre isto ela assim se expressa:

Desconstruindo ou destradicionalizando tais “masculinidades sexistas” encontro os exercícios de múltiplas “masculinidades reinventadas”, experiências sensíveis e alternativas de vivência do masculino, seja no plano identitário ou cultural...As “masculinidades reinventadas” podem, por sua vez se institucionalizar ou ocupar posições de poder diversas e cambiantes frente às vicissitudes da experiência masculina (p.32).

Ela coloca como possibilidade, por exemplo, a dominância em determinados contextos e situações de uma masculinidade gay, dificilmente “captável” ou devidamente explicada a partir da abordagem de CONNELL.

A visão de ALMEIDA (2001), ao apresentar questionamentos e propor novas formas de abordagem, contribui para colocar em discussão idéias e conceitos, “dessacralizando” referenciais em certo momento tomados como “verdade” em muitas pesquisas sobre homens no contexto brasileiro. A leitura do seu texto, embora considerando que ele ao centrar-se na questão da hegemonia, deixa de abordar também outros problemas que estes estudos apresentam, traz certo alento diante daquela sensação de que há algo estranho ou fora do lugar quando se lê determinados trabalhos sobre masculinidade, mesmo aqueles supostamente “mais avançados e sintonizados com a perspectiva feminista”; particularmente aqueles que se utilizam/utilizaram das noções de hegemonia e subalternidade, como é o caso de CONNELL e seus muitos seguidores. Isto se faz ainda mais notório em relação aos trabalhos que “adaptam” essas noções a distintos universos ou mesmo as reinterpretam. Por exemplo, quando se usa a noção de hegemonia sem se submeter à análise homens de distintos grupos sociais, focalizando-se apenas uma categoria social, como “os homens pobres”, “os trabalhadores rurais”, etc.

Parece-me, que na atualidade já passou a “moda” de estudar masculinidade e se caminha para uma maior acuidade nas análises sobre homens, buscando-se uma maior sintonia com o que cada realidade de fato tem a dizer, sem se procurar hegemonias e subalternidades; incluindo-se cada vez mais as mulheres também nestes estudos. Em recente artigo sobre homens rurais, cujo texto está em vias de ser publicado, tive oportunidade de demonstrar nuances e flexibilizações relativas à masculinidade nas várias situações e vivências masculinas, destacando particularmente o significado e a importância das relações que os homens estabelecem com diferentes categorias de mulheres com quem se relacionam. No presente artigo penso, ao demonstrar algumas lacunas e inadequações, em apontar para a necessidade de se refletir mais sobre o que se tem produzido, quem sabe repetir menos os modelos importados e construir nossos próprios modelos com base no que nos dizem as diversas realidades abordadas.

3. AINDA ALGUMAS PALAVRAS, FINALIZANDO...

Tive como objetivo neste artigo explorar de modo introdutório conceitos e temáticas presentes em estudos que focalizam a masculinidade, destacando algumas lacunas e inadequações, além da falta de consistência de algumas noções utilizadas.

Há muitas outras coisas que ainda poderiam ser trabalhadas neste sentido, no artigo, mas paro por aqui. Poderia discorrer sobre como certos textos se utilizam de caricaturas e estereótipos para dar conta da análise do masculino; o que, se dá a impressão de uma certa “graça” e leveza ao texto, nem sempre favorece uma discussão que dê conta dos distintos nuances que a realidade configura.

Poderia também discorrer sobre a fala de certos autores que enfatizam: “Os homens são”, com certa veemência naturalizadora, numa identificação explícita, supostamente crítica, mas que parece mais próxima de um certo orgulho de pertencer a um grupo dominante.

Poderia ainda cogitar, mas certamente não o faria por não concordar, que a autoria masculina desses textos tanto quanto a feminina dos estudos de mulheres lhes subtrai uma certa legitimidade, ou como se diz comumente em relação ao interesse dos homens nas questões de gênero ou masculinidade (não sem uma certa maldade), que eles querem tomar o espaço das mulheres ou legitimar o estudos destas temáticas, que agora sim, passariam a ter importância.

Entretanto, longe de querer desconsiderar a importância desses estudos, apreendo-os como um avanço e como uma das possibilidades de ampliação das reflexões sobre o feminino, o masculino e as relações de gênero. Quiçá, de uma possível mudança no sentido da justiça e da equidade através de uma reflexão conjunta. É desejável que seja inclusiva e não apenas ratifique lugares de poder e situações de subordinação.

As afirmações e indagações aqui colocadas representam um esforço para melhor compreender o que alguns autores/as dizem sobre masculinidade ou sobre homens. Penso que este campo de estudo que tende cada vez mais a crescer, precisa ser objeto constante de reflexão crítica, na busca de conceitos e métodos cada vez mais adequados e consistentes; talvez, e porque não, ancorado nos no legado dos estudos feministas e de gênero e seus avanços.

4.ABSTRACT

From the reading of some texts that approach masculinity, I argue recurrent thematic slight knowledge and, making questionings and balances on possible omissions and inconsistencies. Beginning arguing some of the classifications of these studies, detaching after the main ideas in the texts. I reflect on the construction of the seen masculinity as a suffering experience and on the form as if it conceives feminine and the its relation (or it lacks of this) with the masculine in these studies. Finally, I argue the slight knowledge of “homophobia” and hegemony in the perspective of the masculinity studies, waving for the possibility of other analytical boardings in relation to these studies.

5. KEYWORDS: Gender, masculinity, critique, new possibility analytical.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M.F.P. Sexualidade e prevenção de DST/AIDS: representações sociais de homens rurais de um município da zona da mata pernambucana, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, V.19, suplemento 2. 2003, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2003, p.429-440.
- ALMEIDA, M. M. M. Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar. In: MURARO, R. M. & PUPIN, A. B. Mulher, Gênero e Sociedade. Rio de Janeiro, Relumê-Dumará, 2001, pp. 89-110.
- ARILHA, M., MEDRADO, B. & RIDENTI, S. Introdução. In: *Homens e masculinidades*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1998, p.15-28.
- CASTRO M. G. & LAVINAS L. Do feminismo ao gênero, a construção de um objeto. In: COSTA A. L& ALBERTINI, C. (org.) *Uma questão de gênero*, Rio de Janeiro, Rosa dos Temos, 1992, p 216-251.
- CONNEL, R.W. La organizacion social de la masculinidad. In VALDEZ . T & OLAVARRIA, J. (org.) *Masculinidad/es, poder e crisis*. Chile, Isis Internacional, 1997.p. 43-47.
- FONSÊCA, C. L. Uma genealogia do gênero. Revista de Antropologia, v.1, n.1, Serei família e gênero, 1996. p.5-23.
- HEILBORN, M. L. & CARRARA, S. Em cena os homens, *Revista Estudos feministas* (6/2), Rio de Janeiro, 1998, p.371-374.
- KIMEL, M. S. Homofobia, temor, verguenza y silencio em la identidad masculina. In: In: VALDEZ. Tereza & OLAVARRIA, Jose. (org) *Masculinidad/es, poder e crisis*. Chile, Isis Internacional, 1997.pp.49-52.
- MARQUÉS, J-V. Varón e Patriarcado. In: VALDEZ. Tereza & OLAVARRIA, Jose. (org) *Masculinidad/es, poder e crisis*. Chile, Isis Internacional, 1997.pp.17-30.
- MESSNER, M. A Changing men and feminist politics in the United States. Teory and society, vol.22, n.5, October, 1993, p.723-737.
- NOLASCO, S. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro, Rocco, 1993, pp.21-22.
- OLIVEIRA, P. P., Discursos sobre masculinidade. *Revista Estudos Feministas* (6/1), Rio de Janeiro, 1998, p.103-112;
- OLIVEIRA, P. P. Crises, valores e vivências da masculinidade. *Novos estudos CEBRAP* , n. 56, março de 2000, pp.89-110.
- SAFFIOTTI, H. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA A. L& ALBERTINI, C (org.) *Uma questão de gênero*, Rio de Janeiro, Rosa dos Temos, 1992, p183-215.
- SALÉM, T. “Homem...já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN. M. L. (org) Família e sexualidade. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004.
- SARTI, C.A. A Família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo, Editora Cortez, 2003. 152p.
- SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. Recife, SOS corpo, 1993.
- VALDEZ . T. & OLAVARRIA, J. Introduccion. In: VALDEZ . T. & OLAVARRIA (org), J..*Masculinidad/es, poder e crisis*.Santiago, Chile, Isis internacional, 1997, pp.9-11.
- VALE DE ALMEIDA, M. L. do. Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa. Fim de Século, 1995, p. 127-142.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino, dominação das mulheres e homofobia, Ver. Estudos Feministas, 2001, vol 9, 2002, p 460-482.

